

A força que faz a terra brotar

Especial do Dia do Agricultor e da Agricultora - 28/07/2022

Transforma.ai

Como as mulheres do campo estão revolucionando a produção de orgânicos e agroecológicos no interior da Bahia

A presença feminina no campo é a força que impulsiona a produção de orgânicos e agroecológicos. Cheias de coragem, elas desafiam a agricultura convencional ao implementar um novo modo de cultivar alimentos. Na maioria das vezes são as pioneiras dentro de seus núcleos familiares e enfrentam resistência até dentro de casa.

A atuação das agricultoras se estabelece em todo o processo, da reserva da semente ao comércio da colheita. E mais, são elas que propagam a ideia da alimentação segura e de qualidade para seus filhos, vizinhos e toda a comunidade ao redor.

Para celebrar o Dia do Agricultor, seis agricultoras das cidades de Uibaí e Ibipeba, no interior da Bahia, contam suas histórias de luta e persistência no campo e como a produção de orgânicos e agroecológicos está transformando a vida de cada uma e das pessoas ao redor.

Todas elas fazem parte do Núcleo Raízes do Sertão, que a Transforma Aí apoia por meio de oficinas e rodas de conversa, nas quais elas estão sendo treinadas em uma frente ampla, desde a reflexão sobre o melhor modelo de organização e negócio a aprendizados técnicos na lavoura, como o manejo da água e do solo e construção de ferramentas manuais para a agricultura. As ações são refletidas no fortalecimento de três feiras realizadas no território por meio de campanhas de comunicação locais e pelas redes sociais.

■ A agricultora que mudou o nome do pai

Paula Ferreira é a secretária executiva da Rede Povos da Mata, co-fundadora do Núcleo Raízes do Sertão e proprietária da empresa Orgânicos do Quintal. Ela cresceu em uma família de agricultores que, desde sempre, praticava a produção natural, sem venenos e adubos químicos.

O pai, Zé Fernandes, era famoso entre os produtores. Tanto que, por muitos anos, a menina era conhecida como Paula do Zé Fernandes. Como muitos jovens do campo, ela foi para a cidade estudar Pedagogia na Universidade, onde se envolveu com o movimento sindical e grupos de agricultores orgânicos e agroecológicos.

Apesar de desde criança trabalhar na roça, Paula entendeu que era, de fato, uma agricultora apenas nessa época. "Senti isso no dia em que descobri que meu pai tinha mudado de nome, ele agora era Zé Fernandes Pai da Paula", lembra ela. "Nesse momento eu me dei conta que o trabalho que a gente estava fazendo, tanto na produção de alimentos orgânicos e agroecológicos quanto na discussão do que era



Paula Ferreira
Grupo Semear

a agroecologia no território de Irecê, tinha tomado forma e eu tinha assumido um lugar na produção e na organização do movimento.”

Paula fez o caminho inverso de muitos jovens do campo que vão estudar na cidade. Ela escolheu voltar para a roça depois de receber o diploma. “Ficou claro para mim que a gente não precisa topiar tudo por dinheiro e que meu lugar era aqui”, diz ela. “No campo eu tiro o meu sustento, cuido dos meus bichos, vivo muito melhor e sou realmente feliz.”

Atualmente Paula toca a sua empresa, Orgânicos do Quintal. O nome conta um pouco da sua própria história, que começou plantando no quintal de casa. Foram mais de 15 anos regando os 100 metros quadrados de cultivo com um regador e com a água que chegava em sua casa duas vezes por semana. Além disso, rodava 80 km todas as semanas para vender seus produtos na feira de Irecê.

Os desafios para a maioria dos produtores de orgânicos e agroecológicos, segundo ela, ainda é produzir alimentos em quantidade, qualidade e regularidade. Quando trocam o quintal por uma terra maior, os obstáculos ficam também mais altos. “Em espaços maiores, a gente não consegue fazer tudo no braço e é muito difícil encontrar maquinário disponível para fazer o trabalho em plantações menores”, explica. “Mas com perseverança a gente vai lutando e abrindo cada vez mais espaço.”

Paula orgulha-se do seu trabalho, da sua trajetória e afirma que vez por outra a luta desanima e ela tem vontade de abandonar tudo. “Mas aí eu olho ao redor e vejo tanta gente conseguindo mudar, vejo esta produção dando voz a tantas companheiras, que estão conseguindo mudar suas produções e suas relações a partir deste tipo de cultivo, que eu me encho de ânimo novamente.”

■ Empoderamento que vem da terra



Leandra Santana Paiva
Grupo Pé de Serra

Os benefícios para quem planta orgânico podem ir muito além dos rendimentos com a venda da produção e o sustento da família. A atividade pode significar também empoderamento e pertencimento.

É o caso da agricultora Leandra Santana Paiva, do Grupo Pé de Serra, cujas melhores lembranças são a infância passada na roça. Depois de se casar, mudou-se para São Paulo, onde viveu por oito anos. Em 2015 ela e o companheiro decidiram voltar para o campo, pois a cebola vivia um período fértil na região de Irecê.

O plantio era no modo convencional. “Tinha algo ali que eu não gostava, eu sabia que algo estava errado, que não ia dar certo”, lembra ela. “Eu via passarinho morto perto dos canteiros e pensava que aquilo não fazia sentido.” A primeira safra não foi satisfatória e o casal acabou perdendo tudo.

Apesar do desânimo do marido, Leandra nem pensou em desistir. Ao contrário, foi buscar novas formas de continuar produzindo alimentos e acabou encontrando outras mulheres e formando grupos de produtores de orgânicos e agroecológicos. “Aquele possibilidade me encantou. Cada coisa que eu aprendia, vinha a certeza de que eu estava no lugar certo”, lembra ela. “Depois de passar por todo o processo, tive a certeza de que eu tinha

me transformado em uma agricultora.”

Leandra fez todo o movimento sozinha e encontrou bastante resistência dentro de casa. “Engravidei e todos ao meu redor diziam que eu não ia dar conta”, diz ela. “Mas eu perseverei e hoje o Miguelzinho está com quatro anos e vai para a roça comigo e o Américo, meu companheiro, já abriu espaço dentro dele para os orgânicos.”

No campo, segundo Leandra, é fundamental ter foco e gostar do que faz. “Eu acredito no que estou fazendo e sei que estou no caminho certo.”

■ Paixão pelos orgânicos

Receber o certificado de orgânicos é para Celma Barbosa De Sousa, do grupo Saúde no Campo, uma grande realização. Apesar de ter crescido na roça com os pais, ela jamais imaginou essa trajetória em sua vida. “Eu nem me lembro quando comecei a trabalhar na roça”, diz ela. “Nasci lá no Salitre com meu pai, que sempre praticou a agricultura natural.”

Quando se mudou para Ibipêba, Celma começou a plantar no quintal de casa. O marido, como ela diz, nunca deu ousadia para a plantação e chegava a ficar espantado cada vez que via no prato um alimento saído do quintal.

Foi a amiga Eulália, que vendo a luta solitária de Celma, a levou para os grupos de orgânicos da região. “Eu sabia que existia agricultura orgânica, mas não tinha nem noção de saber como era chegar lá”, explica. “E aí entrei para o grupo e fui me apaixonando pelo orgânico cada vez mais.”

Celma explica que para ela não foi difícil lidar com orgânicos, pois era exatamente assim que sua família sempre trabalhou. “Mas estar com os grupos reforçou o que eu já sabia e trouxe novos aprendizados. Além da força do grupo”, conta ela. “Com luta a gente consegue chegar lá!”

Vendo o sucesso da companheira, que além de plantar também tem a sua barraca na feira de orgânicos da cidade, Celma diz que até o marido está meio apaixonado pelos orgânicos.”

Para ela, o trabalho é muito gratificante. Além do sustento, é fonte de diversão e funciona como uma terapia. “É muito bom saber que a gente está produzindo comida de qualidade, perceber o reconhecimento dos consumidores. E, mais ainda, ajudar a melhorar a alimentação das pessoas do campo e da cidade.”

■ Plantar e propagar a ideia da segurança alimentar

Fazer a transição da agricultura tradicional para a orgânica não é tarefa das mais fáceis. É preciso enfrentar muitas resistências, desde o preconceito de que alimentos orgânicos não podem ser produzidos em escala a barreiras, às vezes, dentro da própria casa.

Foi o que aconteceu com Ada Ilda Veloso da Rocha, do Grupo Pé de Serra. O marido era um



Celma Barbosa de Sousa
Grupo Saúde no Campo

produtor que usava técnicas tradicionais para produzir cebola e milho. Ada não gostava dos venenos, especialmente depois que o marido jogou adubo químico em sua pinha e ela viu a planta amarelar. “Meu filho quando ia na roça voltava com a garganta inflamada doente”, diz ela. “Produzimos, certa vez, um milho feroz que fazia o maior sucesso na feira. Mas lembro de uma amiga grávida que passou mal ao comer uma espiga.”



Alda Ilda Veloso da Rocha
Grupo Pé de Serra

Ada sempre alertava o marido que aquele sistema não era bom, que não ia dar certo. Mas ele nunca deu ouvidos. Ela, então, decidiu plantar uma hortinha no fundo do seu rancho e o marido insistindo com defensivos e adubos químicos.

Até o dia em que ela foi fazer um curso de produção orgânica e agroecológica e voltou para casa transformada e decidida. “Virei uma ditadora e anunciei: acabou o veneno nessa horta”, lembra ela. “Ele perguntou se eu estava louca!”

Ela seguiu firme no propósito e estendeu uma hortinha de 15 metros, na qual plantou quatro variedades. Cuidava dos canteiros no braço e regava cada um com regador, enquanto ouvia o marido dizer que aquilo não tinha futuro. “Isso quando não vinham os amigos dele dar palpite”, conta ela. “Uma vez veio um e eu ouvi ele de longe falando mal dos orgânicos. Vim lá do fundo xingando e coloquei o homem pra correr. Nunca mais voltou!”

No dia em que viu sua horta inteiramente orgânica produzindo, Ada se sentiu, pela primeira vez, uma agricultora. Hoje o marido é parceiro, ainda não a acompanha na feira, mas está firme na plantação. Seu trabalho é uma fonte de prazer, alegria e perseverança, pois os obstáculos são muitos. “É o tempo que muda, é o passarinho que come, são as pessoas dizendo que não vai dar certo. Mas a gente insiste”.

O que move Ada é o prazer de plantar, de comer com segurança e, principalmente, de espalhar a ideia da alimentação segura e de qualidade para mais e mais pessoas. “Só peço a Deus saúde para seguir firme nessa luta!”

E que assim seja!

■ Orgânicos para o futuro dos filhos

Magda Ferreira, do Grupo Agroecologia é Vida, é filha de agricultores. Foi criada em uma família que ensinava aos filhos o valor de uma semente e a importância de se guardar essas preciosidades de tudo o que se comia.

Os pais de Magda levavam os filhos desde cedo para o campo, mas tinham consciência de que as crianças tinham de estudar. “Só que naquele tempo, a mentalidade era estudar para fazer a vida na cidade”, lembra Magda, que seguiu esse percurso e morou muitos anos em São Paulo até decidir voltar para a roça.



Magda Ferreira
Grupo Agroecologia é Vida

Era um sonho antigo e que ficou mais forte com o nascimento dos filhos, Jonas e Dulce, e ao perceber os reflexos das mudanças climáticas em seu território. “Aqui antes era a terra do feijão e hoje não cresce mais por causa dessas mudanças na natureza. Aqui agora é lugar de milho”, explica.

Depois de 20 anos trabalhando no comércio, há seis meses ela e o marido estão estabelecidos na roça e Magda não esconde a satisfação de ver os filhos crescendo livres. “Minha filha adora tomate e alface, mas ela gosta de colher e comer ali mesmo. Aqui em casa ela pode e isso é muito gratificante”, diz. “Estou muito orgulhosa de levar essa proposta para que amanhã o mundo seja melhor. É nisso que eu acredito!”

Para Magda é importante difundir essa ideia, pois ela tem a sensação de que os agricultores ao seu redor usam veneno sem controle simplesmente porque alguém vai dizendo que isso é bom. “Se a gente continuar assim, vamos acabar com tudo”, diz ela. “As agricultoras trazem uma força a mais porque estão realmente preocupadas com a terra que vão deixar para os seus filhos”

■ Perseverança que traz sustento



Eulalia Martins Rocha (Dona Bau)
Grupo Saúde no Campo

Eulalia Martins Rocha, do Grupo Saúde no Campo, entendeu que era uma agricultora aos seis anos de idade, quando pediu ao pai para cortar o cabo da enxada em uma altura que seus braços curtos conseguissem alcançar e carpir. “A partir desse momento a roça virou minha rotina, meu sustento, minha diversão, meu trabalho”, diz ela. “Nunca deixei a minha roça, nunca deixei o meu pedacinho de chão e continuo sendo agricultora.”

A perseverança, segundo ela, foi o que sustentou todas as gerações de sua família no campo. “Foi isso que nos deu sustentação para estar lá até hoje, cavando, jogando semente, colhendo, vendendo”, diz ela. “Mas é importante cuidar da Terra que nos dá esse sustento.”

Ela lembra que as gerações mais jovens nem sabem que aquela região sempre foi famosa pela produção de feijão e que hoje, devido às mudanças climáticas, o feijão deu lugar ao milho. “A produção de orgânicos é a maneira de cuidar da terra e das pessoas que nela vivem. Precisamos compartilhar essa ideia.”

Eulália, conhecida como dona Bau, além de grande produtora é famosa por ser uma grande fonte de inspiração para outras mulheres agricultoras da região. Como a agricultora Celma, do grupo Saúde no Campo, que costuma dizer que é grata a transformação na sua vida, primeiro a Deus, e depois a dona Eulalia, que a encaminhou para a agricultura orgânica e agroecológica. “É importante a gente

propagar essa ideia para os nossos e aos que estão ao nosso redor. A gente aqui divide tudo”, diz Eulalia.

Transforma.ai